



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

| CENTRO DE ESTUDOS E DEBATES ESTRATÉGICOS | | |
|--|-------------------|-------------------|
| EVENTO: Reunião de Trabalho | Nº: 0741/13 | DATA: 12/06/2013 |
| INÍCIO: 14h53min | TÉRMINO: 16h32min | DURAÇÃO: 01h39min |
| TEMPO DE GRAVAÇÃO: 01h39min | PÁGINAS: 33 | QUARTOS: 20 |

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD – Diretora-Geral da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis — ANP.

SUMÁRIO: Debate sobre a exploração de petróleo e gás natural do Brasil.

OBSERVAÇÕES

Houve exibição de imagens.
Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis.
Há oradores não identificados.
Há expressão ininteligível.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Boa a tarde a todas e a todos.

Quero saudar meu querido colega e amigo, Deputado Félix Mendonça Júnior, o ilustre Deputado Ariosto Holanda, que nos deu o privilégio de vir assistir e trazer a nossa querida Diretora-Geral da Agência Nacional de Petróleo, Dra. Magda Chambriard.

A nossa reunião de hoje, Dra. Magda Chambriard, tratará de assunto extremamente relevante para o futuro do Brasil, que é a exploração de petróleo e gás natural, fontes primordiais para o desenvolvimento do País, seja para o consumo interno, seja para a exportação desses *commodities* e também de produtos manufaturados que utilizam esses recursos.

Recebemos hoje aqui neste plenário a Dra. Magda Chambriard, que nos trará informações sobre a atuação da ANP, principalmente acerca da 11ª rodada de licitações de bloco de exploração de petróleo, ainda no regime de concessão, e das duas próximas rodadas previstas para outubro e novembro deste ano, que incluirão área de pré-sal a ser utilizada sob o regime de partilha de produção, proposta defendida aqui neste Conselho, nesse trabalho que V.Sa. vai receber.

Em 2009, quando a Presidente Dilma era a Ministra-Chefe da Casa Civil, S.Exa. me ligou e pediu que utilizássemos alguns dados que o Conselho tinha produzido.

Outra temática que esperamos escutar de V.Sa. é acerca da primeira licitação de áreas para a produção de gás de xisto. Na última reunião do CEDE, dia 5, escutamos o Prof. Dr. Luiz Fernando Scheibe, especialista em hidrogeologia, que demonstrou grande preocupação quanto aos impactos ambientais decorrentes dessa atividade, principalmente nos lençóis freáticos do Aquífero Guarani e do Aquífero Serra Grande.

O Dr. Scheibe propôs, por precaução, um prazo de 5 anos para estudos mais aprofundados sobre esses possíveis impactos aqui e em outros países antes de se iniciar a produção em território brasileiro.

Vale salientar que os Estados Unidos da América, só para a recuperação do resíduo da produção do xisto, gastará 15 bilhões de dólares — só para a recuperação da produção do xisto feita até hoje.



Já se questiona, em todo o mundo, o custo-benefício. Eu perguntei o que ele achava e ele disse que não tinha nenhuma informação. O resíduo da exploração do xisto é muito perigoso, sobretudo porque, contaminando os nossos aquíferos, nós perderemos um grande fator do futuro. Dizem que os séculos XIX e XX foram os séculos do petróleo, e o século XXII será o da água potável, da água doce, porque o mundo inteiro vai ter que abastecer com água de boa qualidade mais de 8 bilhões de pessoas. Hoje são 7 bilhões e tanto, mas talvez sejam 10 bilhões já na virada do século.

S.Sa. é formada em Engenharia Civil e é Mestre em Engenharia Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhou por 22 anos na PETROBRAS e, desde 2002, atua na própria ANP, onde ocupou vários postos, inclusive a Superintendência de Exploração e Definição de Blocos, em 2008. Teve uma indicação aprovada pelo Senado para compor a Diretoria da Agência, sendo nomeada Diretora-Geral em 2012.

Antecipadamente, agradecendo por sua presença, nós passaremos agora a palavra a V.Sa. a fim de que possa fazer a sua exposição. Depois teremos um pequeno debate.

Saúdo aqui o Secretário Executivo do Conselho, que é o Diretor da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. O Centro de Estudos e Debates Estratégicos tem a melhor assessoria de todo o Brasil, porque nós temos toda a Consultoria da Câmara à nossa disposição, com especialistas em todas as atividades que interessam ao nosso País.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Deputado Inocêncio Oliveira, demais Deputados, Conselheiros aqui presentes, servidores da ANP, servidores da Câmara, muito obrigada por esse convite. Esse convite tem uma importância especial para mim. Eu vou dizer para o senhor, que vai achar graça. No início deste ano, eu solicitei uma pesquisa de imagem da ANP. Nós fizemos uma pesquisa de imagem em três segmentos. O primeiro era o nosso setor regulado na parte de exploração e produção; o segundo era a mídia brasileira; e o terceiro era a Câmara dos Deputados, aqui em Brasília.

Na primeira parte, eu fui muito bem avaliada. Eu, a Agência Nacional do Petróleo. Os nossos regulados entendem e enxergam a ANP como um órgão



técnico, eminentemente técnico, competente, transparente e capaz de discutir os assuntos de exploração e produção de petróleo em pé de igualdade com a indústria regulada, que é uma indústria poderosa e bem preparada.

A nossa pesquisa revela que 55% da mídia brasileira nos conhece — e quando eu falo em mídia, refiro-me à mídia do Brasil todo. Ou seja, os 55% que na pesquisa se manifestaram como nos conhecendo bem também se manifestaram dizendo que gostam de nós. E a porção que nos conhece menos ou nos conhece muito pouco — o Brasil é muito grande — se manifesta como indiferente ou não gostando de nós. Em relação à Câmara dos Deputados, a pesquisa mostrou que 45% dos Deputados dizem que nos conhecem bem. A pesquisa foi feita com 202 Deputados. Então, foi considerada representativa por conta disso.

Dentro dessa pesquisa, os 45% que disseram que nos conhecem bem gostam de nós. Os 55% que dizem que nos conhecem pouco ou muito pouco dizem que não gostam de nós. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira) - Não gostam sem conhecer.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Pois é. Então, nós chegamos à conclusão de que estamos com um grande débito com a sociedade. Precisamos nos expor mais. Esse débito que nós temos com a sociedade é o de mostrar mais o nosso trabalho. Chegamos à conclusão de que nós estamos muito fechados em nós mesmos, o que gera uma dúvida, uma desconfiança na sociedade por não nos apresentarmos mais.

Então, por conta disso, eu agradeço muito o seu convite e digo que esse convite tem um sabor muito especial para nós, porque é o primeiro momento de nos apresentar ao Congresso logo depois dessa pesquisa. O senhor vai ter sempre de nós toda boa vontade para explicar o que o senhor quiser e para discutir o que o senhor quiser relativamente à indústria do petróleo, pois o senhor vai ter em nós uma parceria correta, transparente e amiga.

(Segue-se exibição de imagens.)

Eu trouxe aqui para vocês o que está acontecendo na indústria do petróleo, na parte de exploração e produção, e a notícia das três licitações que foram aprovadas para este ano. A primeira já ocorreu em maio; a segunda vai acontecer em outubro próximo, que é a do pré-sal; e a terceira é a licitação com foco em gás



em terra. Eu vou fugir um pouquinho daquela discussão do gás de xisto, porque eu vou mostrar para vocês que não é bem esse o foco da licitação para gás em terra. É este também, mas não é só este e não é principalmente este.

Eu vou pular, para acelerar um pouco, essa parte da retomada de licitações e vou falar de um programa que nós temos na ANP. Refiro-me ao Plano Plurianual de Estudos de Geologia e Geofísica. Vou falar quais são as perspectivas do setor para os próximos 10 anos, dos resultados da 11ª rodada que nós fizemos — e os jornais noticiaram que foi muito bem-sucedida — e vou falar sobre a primeira rodada do pré-sal, que já tem uma escolha do que vai ser licitado, que é a área de Libra. E vou falar também da 12ª rodada com foco em gás natural, além de fazer alguns outros comentários.

Em relação à retomada das rodadas, eu acho que vocês conhecem mais do que qualquer um. Então, eu vou me focar aqui na última rodada de licitação que nós tínhamos feito, em 2008, mas, de 2006 para 2013, e, portanto, num bom período desse que nós ficamos sem rodada, não ficamos parados.

Nós aprovamos, na Agência Nacional do Petróleo, o Plano Plurianual de Geologia e Geofísica. Por que isso? Porque hoje em dia, por lei e pela Lei do Petróleo, a Agência Nacional do Petróleo é o serviço geológico nacional para efeito de petróleo no Brasil. E, quando olhamos o que nós temos contratado para exploração e produção de petróleo, encontramos 5% da área sedimentar brasileira. Ou seja, 95% estão fora do jogo. Estão fora do jogo por quê? Porque nós conhecemos pouco.

Então, esse Plano Plurianual de Geologia e Geofísica é um esforço da Agência Nacional do Petróleo, com verba do PAC, para aumentar o conhecimento das bacias. A gente contrata levantamentos. Do mesmo jeito que a indústria do petróleo faz, a gente contrata sísmicas, aerolevanteamento e geoquímica. A gente contrata e interpreta. Esses estudos estão sendo úteis na indicação da área para as novas rodadas de licitação. Esse plano está em andamento, está dando bons resultados e está mostrando o que eu vou mostrar para vocês mais adiante.

(Segue-se exibição de imagens.)

Este mapa do Brasil é uma coisa interessante de ser olhada, pois reforça essa questão da área sedimentar brasileira. Neste mapa do Brasil vocês veem, em



amarelo claro, as bacias sedimentares terrestres. Eu peço para vocês olharem só para terem uma noção da dimensão do que eu estou falando: ao longo da costa, as bacias sedimentares marítimas e um pequeno polígono aqui, em vermelho, que mal dá para ver, mas que é um polígono que representa a área do pré-sal. Esse polígono, conforme definido em lei, tem 149 mil quilômetros quadrados e representa apenas 2% da área sedimentar brasileira. Isso quer dizer que nessa área, de agora por diante, nós vamos fazer partilha. Por quê? Porque estamos considerando que o pré-sal é uma exceção e essa área também é uma exceção.

Portanto, o regime para exploração e produção no Brasil persiste sendo contrato de concessão. Nós estamos reafirmando o regime de concessão para exploração e produção de petróleo no Brasil para 98% da área sedimentar brasileira. E estamos chamando o pré-sal de uma exceção e o regime de partilha de uma exceção.

A 11ª rodada, que foi feita por aqui assim, portanto, longe dessa área do pré-sal, foi feita sob concessão. Por isso, a rodada do gás vai ser feita sob concessão e a rodada do pré-sal vai ser feita por partilha.

Eu falei de concessão e partilha. São dois regimes. No título, eu escrevi três sistemas. O terceiro é a cessão onerosa, que permite à PETROBRAS produzir até 5 bilhões de barris de petróleo de certas áreas dentro do polígono do pré-sal.

Vamos ver o que mais temos em mãos hoje e o que vai ser acrescentado com essas licitações que vão acontecer este ano. Nós temos hoje cerca de 15 bilhões de barris de reservas aprovadas no Brasil. Temos uma produção de petróleo em torno de 2,2 milhões de barris por dia. Esses foram os dados do ano passado. O que ocorre é que com o que nós já temos contratado — eu não estou levando em consideração as rodadas deste ano ainda —, nós podemos, em 10 anos, duplicar o nosso nível de produção e de reservas do País, principalmente por causa do pré-sal, mas não apenas por causa do pré-sal.

Então, vejam que nos últimos 15 anos, que é o período que a ANP tem de vida, nós duplicamos as reservas do País. Nós saímos de 1 para 2. Agora, nos próximos 10 anos, nós vamos duplicar de novo. Quer dizer, o que nós levamos 15 anos para duplicar agora vamos levar 10 anos. Só que dessa vez nós vamos sair de



2 para 4. Nós levamos 15 anos para acrescentar 1; agora vamos levar 10 anos para acrescentar 2. Tudo isso é fruto, principalmente, da descoberta do pré-sal.

O que o pré-sal e esse momento maravilhoso estão trazendo para nós? Estão trazendo um desafio de planejamento imenso, um desafio de investimento imenso.

Esse gráfico é fruto de um estudo do BNDES — o logo está aqui, vocês têm uma cópia —, feito no começo de 2012, em abril, se não me engano. E nesse estudo do BNDES a gente vê que no período de 2012 a 2015 o setor de petróleo e gás é o que mais vai investir no Brasil, mas vai investir tão mais e tão mais significativamente que ele chega a investir sete vezes mais do que a indústria extrativa mineral, sete mais do que a automotiva, etc. Ou seja, a indústria do petróleo e gás no Brasil vai investir 63% nesse período de 2012 a 2015. Tudo isso é para fazer acontecer no prazo e a tempo e a hora todo esse esforço que vai nos levar a dobrar a produção e a reserva do País, em 10 anos.

Esse esforço de planejamento para dobrar a produção e a reserva do País foi quantificado em termos de necessidade de aquisição de bens e serviços, ou seja, quantas plataformas, barco de apoio, tubos, enfim, qualquer coisa que se precise de bem para desenvolver essas jazidas. Estimou-se que, em 10 anos, nós vamos gastar até 400 bilhões de dólares em bens e serviços para fazer tudo isso. Isso é um dinheiro imenso, é um dinheiro que está atraindo a atenção do mundo. Então, os grandes prestadores de bens e serviços do mundo estão interessados nesse mercado. Tem norueguês, alemão, canadense, americano, chinês, etc., todo mundo nesse bolo, buscando uma parcela desses 400 bilhões.

Nós queremos uma parcela dessas também. Quer dizer, a indústria brasileira pretende uma parcela e pretende uma parcela grande desse dinheiro, e está indo atrás dessa parcela grande de dinheiro viabilizando o que estamos chamando de política de conteúdo local. Ou seja, todos os contratos que nós assinamos para exploração e produção — quando eu digo “nós”, refiro-me à Agência Nacional de Petróleo — exigem um compromisso das companhias de petróleo de adquirir boa parte dos bens e serviços necessários à exploração e produção na indústria brasileira. Isso aqui é uma proteção à nossa sociedade.

Só para vocês terem ideia de outra forma de como a indústria do petróleo cresceu nos últimos anos, esse gráfico aqui representa o plano de negócios da



PETROBRAS de 5 anos, ou seja, é o volume de 5 anos dividido por 5 ao longo de cada ano. Então, é o plano de negócios de 2005, de 2006, etc.

A comparação desses planos de negócios da PETROBRAS, que é o nosso principal ator, mostra que de 2005 para 2012 a PETROBRAS aumentou o seu investimento em exploração e em produção cinco vezes, ou seja, o valor a investir em exploração e produção da PETROBRAS de 2005 para 2012 é cinco vezes maior. Além da PETROBRAS, nós temos outros, mas, como eu falei, a PETROBRAS é o principal ator. Agora, nós já temos outras companhias operadoras contribuindo de uma forma menor para a aquisição desses bens e serviços e para a geração dessa produção do País, que vai ser capaz de dobrar.

Essa política de conteúdo local — isso é um balanço do PAC — já foi capaz de gerar encomendas para a indústria naval que viabilizaram investimentos em estaleiros no Brasil desde o Nordeste até o Sul do País. Então, nós temos investimentos em estaleiros, mas temos outros investimentos também. Eu usei a indústria naval aqui só como um exemplo, mas desde o Nordeste até o Sul do País nossos estaleiros estão cheios de encomendas para essa indústria naval fornecedora de bens e serviços para a indústria do petróleo.

Dessa forma, nós estamos concorrendo para aqueles 400 bilhões de dólares de que eu falei. Dessa e de outras formas, essa não é a única, é apenas o exemplo que eu trouxe.

Essas são fotografias do que já fizemos. Estamos fazendo plataforma, barco de apoio, módulos, cascos, uma série de coisas. Eu fui madrinha desse navio, um barco de apoio chamado CI-Brasil.

Agora que eu fiz esse preâmbulo, eu vou falar um pouco dos resultados da 11ª rodada. Nós licitamos essas áreas em maio último, fruto dos nossos estudos, fruto de boa parte do uso dos nossos dados adquiridos no âmbito do Plano Plurianual de Geologia e Geofísica da ANP. O mote dessa rodada era licitar áreas. Não sei se vocês estão vendo esses quadradinhos em amarelo escuro. São as áreas que nós licitamos. O mote dessa rodada foi o Norte e o Nordeste do País.

No momento em que temos a indústria de petróleo brasileira concentrada no Sudeste, e o pré-sal aparecendo, principalmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo, nessa 11ª rodada nós fugimos disso e fomos para o Norte e o Nordeste do País.



Nessa rodada, de 11 Estados contemplados, 10 eram do Norte e do Nordeste. Nós só pegamos um pedacinho do norte do Espírito Santo.

Essa rodada foi um sucesso absoluto. Nessa rodada, nós trouxemos, por exemplo, áreas do Piauí. O Piauí jamais tinha pensado em ser um ator na exploração e produção de petróleo e gás. Hoje em dia vê os seus blocos serem objeto de uma grande concorrência entre as diversas companhias que aplicaram em blocos naquele Estado, bem assim no Maranhão e nos demais Estados.

Outro Estado que jamais pensou em entrar no jogo do petróleo, mas entrou de uma maneira grandiosa, foi o Amapá. Então, nós pusemos os blocos aqui no Amapá, perto da fronteira com a Guiana, e foram, na licitação, os mais valorizados. Nós tivemos blocos que saíram com bônus de assinatura de 345 milhões de reais!

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Marítimas. Se o senhor olhar o mapa, são esses bloquinhos aqui, que estou marcando. Temos aqui também, temos no mar e temos aqui no mar interno.

Então temos: Foz do Amazonas, marítima; Pará e Maranhão, marítima; Barreirinhas, marítima; Ceará, marítima; Potiguar, marítima e terrestre; Pernambuco e Paraíba, marítima; Espírito Santo, marítima e terrestre; Parnaíba, terrestre; Sergipe e Alagoas, terrestre; Recôncavo, terrestre; Tucano, terrestre; Potiguar, como falei, no Espírito Santo, marítima e terrestre.

Vejam vocês como ficou bonito o local da Rodada, espetáculo reconhecido internacionalmente como um momento de absoluta transparência do Brasil. Em geral, nós alugamos um hotel que tem um grande auditório, com espaço para 800 pessoas, e ali nós recebemos 166 integrantes da imprensa brasileira, de todos os Estados envolvidos na licitação, além de todo o público interessado, etc. Até o Governador do Piauí nos prestigiou com a sua presença.

Esta aqui é a abertura; lá na frente, a mesa, onde fica a Comissão Especial de Licitação; aqui nós temos uma urna; as companhias entram colocando os envelopes na urna, e as ofertas são projetadas nesses dois grandes telões laterais. Ou seja, o licitante sabe no momento o resultado, se a sua oferta foi vencedora ou não. Ele conhece não só a sua oferta como a de todos os demais e sabe se a sua foi vencedora ou não. É um processo reconhecidamente transparente pelo mundo.



Resultado da Rodada: apuramos 2,8 bilhões de reais em bônus de assinatura; tivemos ágio de quase 800% no bônus; tivemos um compromisso exploratório mínimo de cerca de 7 bilhões de reais; tivemos 64 empresas habilitadas a concorrer; tivemos empresas brasileiras e estrangeiras concorrendo; tivemos empresas de 21 países, entre eles o Brasil, claro, que foi o que mais apresentou empresas para concorrer; e devemos assinar esses contratos de concessão no dia 6 de agosto próximo, quando a ANP estará fazendo 15 anos da assinatura dos primeiros contratos de concessão.

Eu considero esse leilão um sucesso absoluto.

Todas áreas de risco.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não, ele tem uma prospecção regional. Então, a gente separa a prospecção em duas, a regional e a de detalhe. Aqui nós estamos tratando só da regional, não temos nada aqui de detalhe.

Nós consideramos essas áreas como novas fronteiras do conhecimento, ou seja, áreas de que se tem pouco conhecimento geológico e geofísico.

Agora, que eu falei da 11ª Rodada, vou falar da próxima que vai acontecer, que é a 1ª Rodada do Pré-sal. Em sendo pré-sal e acontecendo dentro do polígono do pré-sal, eu vou chamar isso aqui de uma exceção e vou dizer que vai ter de acontecer sob contrato de partilha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Quero saber sobre Libra.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Já, já, eu vou mostrar ao senhor, com mapa e tudo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - A minha pergunta é antecipada. V.Sa. disse que precisávamos aumentar as reservas do País, que hoje estão em torno de 15 bilhões de barris.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - E vamos dobrar!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Como é que o Brasil, que precisa aumentar as reservas, vai vender o Poço de Libra, que tem uma



estimativa entre 8 e 12 bilhões de barris de petróleo e gás, que dão em média 10 bilhões?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Dez bilhões é o meu número.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Se a PETROBRAS precisa de caixa e vai vender esse poço por aproximadamente 15 bilhões de reais, eu queria saber depois sobre isso.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Eu vou explicar ao senhor. Primeiro, eu vou dizer o que já está acontecendo no pré-sal. Eu disse ao senhor que o pré-sal será um dos principais responsáveis por dobrarmos a produção do País. Esse polígono do pré-sal aqui, conforme definido em lei, é aquele polígono que eu mostrei. Esse vermelhinho aqui é Lula, esse é Sapinhoá, e esses outros vermelhinhos aqui é onde eu já tenho produção do pré-sal. Então, eu já tenho produção no Campo de Lula e no Campo de Sapinhoá, e diversos outros campos mais antigos da Bacia de Campos já têm um ou outro poço produzindo no pré-sal. E eu tenho no Espírito Santo, aqui no norte da Bacia de Campos, o que eu chamo de Parque das Baleias, que também está produzindo no pré-sal. Ao todo, em fevereiro deste ano, eu tinha 283 mil barris de petróleo por dia. Então, são 283 mil barris de óleo por dia e 9,4 milhões de metros cúbicos de gás por dia. Somando isso, em termos de óleo equivalente, já ultrapassamos os 300 mil barris por dia no pré-sal. Mas isso vai aumentar muito!

Quem são os atores aqui? Os atores aqui são principalmente a PETROBRAS, mas em Lula, por exemplo, a PETROBRAS tem parceria com a British Gas e a PETROGAL. Nessa área do pré-sal, a PETROBRAS tem parceria com a British Gas, com a Repsol, com a Partex, com a PETROGAL, e tem outras parcerias. E é exatamente isso o que vai acontecer no Campo de Libra, como eu vou mostrar ao senhor.

Nessa primeira rodada de partilha, conforme falei, nós vamos tratar isso aqui como exceção. Essa exceção é motivada por uma coisa que é grande demais. Na medida em que a gente entendeu que o pré-sal poderia trazer ativos grandes demais, gerou-se essa exceção. O que é isso? Sob regime de partilha, eu preciso ter um contrato, no momento da licitação, em que eu vá dizer o seguinte: “Você vai



entrar na minha licitação, o.k. Então eu vou estabelecer qual é o bônus de assinatura que você vai me pagar. Você vai entrar aqui pagando um bom dinheiro no primeiro dia. Número dois: você vai se comprometer com um programa exploratório mínimo, ou seja, você é obrigado a investir, e rápido. Três: os seus bens e serviços necessários para a exploração e produção no pré-sal vão ter que ser comprados prioritariamente na indústria nacional". Com isso, estamos garantindo a proteção do Brasil nessa exploração e produção.

Mas não é só isso. O parâmetro de oferta é o percentual do óleo que vai ser da União. Com uma jazida muito grande como essa, o percentual de óleo da União é grande, ou seja, para cada barrilzinho que eu vou produzir, vou descontar os custos necessários para fazer esse barril ser produzido e o restante vai ser parte da União, pago em óleo, e a outra parte do grupo empresário que adquirir isso.

Eu vou assegurar para o senhor o seguinte: um parâmetro razoável e mínimo de participação governamental, e participação governamental é tudo. Todo o dinheiro que você tira desse campo, seja com *royalties*, seja com partilha, seja com Imposto de Renda, enfim, com os tributos brasileiros, eu vou dizer para os senhores o seguinte: Um campo desse não terá, de maneira nenhuma, menos do que 70% de participação governamental. Então, do óleo tirado aí, no mínimo, no mínimo, por baixo, 70% vai ficar com o Brasil.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Tira os custos de produção.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Tira.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Os custos de produção são mais ou menos o quê? Quinze por cento?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Depende.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Então, quanto vai ficar com o empresário?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Menos de trinta.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Porque se tira os custos de produção. Então, tirando os custos de produção não tem mais 30%. São 100% do que... Tirando o custo de produção ficam 100%. Aí, 70% são do Brasil.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Cem por cento do que a gente chama de óleo-lucro.



O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Ah, óleo-lucro. Está o.k.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Agora, calculando participação governamental como um todo, um campo desses tem de pretender, no mínimo, ter 70% de participação governamental e é daí para mais, no Libra, um campo grande.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Vou pedir licença para dizer que o Centro de Estudos e Debates Estratégicos tem muito prazer em receber o Senador Inácio Arruda, a Deputada Luciana Santos e os Deputado Daniel Almeida, Júlio Cesar, Alexandre Toledo, Ariosto Holanda e o meu amigo Félix Mendonça Júnior.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Nesse contrato, a PETROBRAS é operadora única. Por lei, ela terá que ter, no mínimo, 30% desse contrato. Então, nesse contrato, Deputado, e aí eu já vou responder a sua pergunta, a PETROBRAS é operadora. A PETROBRAS tem, por lei, no mínimo 30% no Libra e no pré-sal todo. Então, imagine V.Exa. o seguinte: haverá uma licitação do Campo de Libra. Se a PETROBRAS não entrar, ela já tem 30% do Campo de Libra. Se ela entrar e for vencedora da licitação, ela poderá aumentar sua percentagem no Campo de Libra. Se ela entrar sozinha e ganhar a licitação, ela pode ter 100% do Campo de Libra. Se ela entrar em parceria, por exemplo, ela pode aumentar a sua participação. Ela vai aumentar a sua participação. Porém, nos seus 30% garantidos por lei, ela tem de pagar o preço da oferta vencedora. Então, imagine V.Exa. o seguinte: eu participei da licitação, V.Exa. e a PETROBRAS também. Vamos dizer que a PETROBRAS ofertou 70%, eu oferei 68% e V.Exa. 65% do óleo-lucro para a União. A PETROBRAS ganhou com 70%. Ela tem, então, a sua participação aumentada, mas os 30% que ela ganhou por lei, ela tem de honrar esses 70%.

Agora, vamos apresentar outra situação: a PETROBRAS perdeu. Quem deu 70% foi V.Exa. e a PETROBRAS deu 68%. Então, a PETROBRAS fica com 30%, V.Exa. fica com o resto, mas os 30% dela, a PETROBRAS vai ficar com a sua oferta que foi a vencedora. Está certo?

Bom, como eu disse para vocês, com essa regra, vai aparecer o Prospecto de Libra, que vai ser o primeiro a ser licitado no pré-sal. Ele vai ser no litoral do Rio de Janeiro, está próximo a Tupi, que está por aqui. Ele já foi escolhido, através da



Resolução nº 4, de 2013, do CNPE. Essa licitação vai ocorrer no dia 22 de outubro de 2013. Eu estou dizendo isso para vocês em primeira mão, porque acabamos de acertar o hotel e o local para fazer a licitação. Então, vai ser no Hotel Windsor Barra, no Rio de Janeiro, no dia 22 de outubro de 2013.

Os senhores devem ter lembrado que eu já tinha dito o seguinte: Libra é um campo que tem cerca de 5 bilhões de barris de reserva, é um campo imenso. Ocorre que isso era com os dados que tínhamos até o ano passado. Este ano, nós obtivemos um dado novo, que é um processamento em profundidade, é uma técnica geofísica mais sofisticada que calibra melhor a profundidade dos reservatórios e a sua imagem. Então, em função desse aperfeiçoamento, o mapa que surgiu foi esse aqui que eu mostrei para os senhores. Com esse mapa, chegamos à conclusão de que se Libra recuperar 30% do óleo que tem no subsolo — a gente não recupera tudo, mas apenas uma pequena parte —, ele poderá recuperar de 8 bilhões a 12 bilhões de barris.

Como eu sei que tem petróleo lá? Eu já furei e já descobri esse petróleo. Eu furei esse reservatório através do Poço 2, ANP nº 2-A, Rio de Janeiro, Submarino. Nesse poço, eu encontrei uma coluna com óleo de 326 metros. Então, eu tenho 326 metros de coluna impregnada com óleo. Que óleo? Um óleo de 27º API. Isso aqui é uma medida de densidade. É um óleo melhor do que o da Bacia de Campos.

Como é que eu sei que Libra produz? Porque eu testei, eu fiz um teste num local do poço, que nem é dos melhores, e botei para produzir. E produzi 3.667 barris de óleo por dia. Esse poço, se bem desenhado, não para teste, mas para otimizar uma produção, é um poço que pode me dar 25 mil barris de petróleo por dia. Então, esse aqui é Libra. Libra pode produzir bastante.

Já vem aí o Paulo. Não deixem o Paulo falar, não! *(Risos.)* Eu falei que era para ele sentar ao meu lado para eu poder bater nele. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - A senhora falou que vai ser licitado. Já tem o preço mínimo?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não tem, não. Nós estamos estipulando ainda.

O SR. SENADOR INÁCIO ARRUDA - Faz um consórcio.



A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Bom, isso é o que temos. Na verdade, vamos voltar lá. O que nós estamos fazendo agora? A ANP fez as contas do valor econômico desse prospecto. Só vou lembrar que nós não precisamos acertar o valor da oferta vencedora, nós precisamos desenhar o mínimo, está certo? Então, nós vamos dizer: *“Olha, no mínimo, você vai me pagar isso, você vai ter que se comprometer com esse investimento e com esse compromisso de adquirir bens e serviços no Brasil. E você vai ter um mínimo da oferta da percentagem do óleo-lucro para a União.”* Eu só vou estabelecer o mínimo, porque o vencedor vai ser aquele que, olhando para os seus concorrentes, fizer a maior oferta de óleo para a União.

Nós temos sempre a vontade de acertar na oferta vencedora. O problema é que quanto mais levantamos os parâmetros mínimos, menos concorrência nós buscamos. E a concorrência, o olho no olho dos adversários, é que nos garante a melhor oferta e o valor mais justo desse petróleo. Então, calibrar esse mínimo e dominar um pouco da nossa ansiedade de botar um número extremamente alto é um exercício de autocontrole muito importante que temos de fazer, porque vamos levantando esse número e, a partir de um determinado momento, o que você começa a fazer é reduzir a concorrência e, conseqüentemente, baixar o preço.

O Conselho Nacional de Política Energética deve estar definindo o valor do bônus de assinatura e o parâmetro mínimo — eu acredito — até o fim deste mês.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Mas, Diretora, a profundidade desse campo é maior do que a do mar. São trezentos e vinte e tantos metros só de petróleo... Não é petróleo?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não é lindo? É espetacular.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - É um mar de petróleo.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Mar de petróleo. É sensacional isso. E isso é a melhor coisa que eu já vi.

Senta aqui do meu lado, Paulo. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - O Paulo está achando a senhora muito moderna.

O SR. SENADOR INÁCIO ARRUDA - O Paulo nos dá todas as dicas.



A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Bom, agora eu vou falar da 12ª rodada, que é aquela que vai acontecer com foco em gás. Os senhores vão saber que nos Estados Unidos está uma moda incrível: a moda do *shale gas*. Na verdade, não é bem gás de xisto, mas gás de folhelho. Então, o que faz isso? Os Estados Unidos é um país que tem uma indústria do petróleo com mais de 150 anos, é um país que também já explorou, produziu muito, já passou pelo seu auge e já não está mais nele. A área sedimentar americana é um pouco maior, mas é da ordem de grandeza da nossa. Só que lá eles perfuraram mais de 4,5 milhões de poços; nós perfuramos 27 mil.

Então, o que acontece? Eles perfuraram, perfuraram, produziram, produziram, e, num determinado momento, estavam em grande declínio. Só para os senhores terem uma ideia, os Estados Unidos consomem um quarto do petróleo do mundo. Isso dá mais de 20 milhões de barris. Esse mesmo país produz 6 milhões. Então, no balanço energético do refinado, não sei o que põe para lá, põe para cá, numa conta de óleo equivalente. Esses americanos consomem e têm um déficit de 11 milhões, 12 milhões de barris de petróleo por dia. Isso é um buraco trilionário. Essa necessidade fez com que os Estados Unidos, conhecedores de onde estão os campos de petróleo e gás, dissessem o seguinte: *“Agora, que eu já produzi o que eu tinha para produzir, eu vou buscar a rocha geradora desse gás e desse petróleo. Por quê? Porque já produzi o que eu tinha para produzir, já produzi a maior parte do que eu tinha para produzir, mas essa minha rocha geradora ainda está gerando, portanto, eu vou economizar alguns milhões de anos, vou fraturar a minha rocha geradora e produzir um pouco mais rápido, porque eu estou precisando”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Os próprios Estados Unidos, quando disseram que iam explorar o gás de xisto, também avisaram que iam explorar o petróleo de xisto, que iam tornar-se autossuficientes e teriam petróleo até para exploração. Será que é possível isso?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Mais ou menos.

O SR. SENADOR INÁCIO ARRUDA - Não é sentido humano, é geológico.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Eu estive nos Estados Unidos em 2006, quando eles estavam, vamos dizer assim, começando a ter bons resultados com o *shale gas*. Naquele ano, só a Devon, uma independente



americana que não é das maiores, furou 800 postos, para não convencional. Só para o senhor ter uma ideia, 800 postos é mais ou menos a ordem de grandeza do que nós furamos por ano no Brasil. Então, apenas uma empresa das diversas furou 800 postos para *shale gas*. Como eles já têm 4,5 milhões de postos, conseguem nessas áreas ter uma boa estatística. E essa estatística americana é que permite identificar bem onde é que vai ser bom para o *shale* e onde é que não vai, porque eles têm dados, eles têm informações de poços, eles têm um paliteiro. Nós não temos isso. Nós queremos ter, mas ainda não temos isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Segundo eu li, eles estão preferindo pequenas empresas.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não, é o contrário, Deputado. Eles começaram com pequenas empresas. Eles são muito desregulamentados. Essa exploração em terra tem regras bem mais simples do que as nossas. Então, essas pequenas empresas entraram, exploraram, começaram a ter bons resultados. No começo, não tiveram muito cuidado e, ao não terem muito cuidado, andaram fazendo algumas coisas que se mostraram, depois, não ser o mais recomendável. Hoje em dia, o que se tem é um movimento das grandes empresas petrolíferas comprando pequenas para explorar o *shale gas* nos Estados Unidos.

Só para o senhor ter uma ideia, o preço do gás nos Estados Unidos caiu tanto, e os Estados Unidos se tornaram autossuficientes. Eles têm uma regra que veda a exportação do gás. Eles estão aprovando agora uma autorização para uma empresa exportar gás, não sei se já aprovaram ou não. Os Estados Unidos não deixam exportar gás. Então, eles foram aumentando a produção, aumentando a produção, aumentando a produção e, à medida que foram aumentando a produção e suprindo o mercado, o preço foi caindo. Sobrou gás, o preço foi caindo e o valor, nos Estados Unidos, chegou a 2 dólares por milhão de BTU. O nosso é mais de 10 dólares. Vamos falar que é em torno de 10 dólares.

Então, o preço do gás nos Estados Unidos caiu tanto que inviabilizou a continuidade da perfuração para *shale gas*. O que eles fizeram? Disseram o seguinte: *“Então, agora, eu não vou mais perfurar para gás, mas para o shale oil, buscar o óleo, focalizar mais os meus estudos, buscar o óleo e pegar o gás como*



um subproduto". Enquanto isso, eles vão autorizar a exportação e, daqui a pouco, esse gás está de novo a 5 dólares, 6 dólares, e aí eles vão voltar a perfurar.

Então, é uma lição de autoajuste por conta das análises econômicas de um país que é ágil para fazer essas coisas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Eu queria dizer o seguinte: eu, como Presidente da República em exercício, fui à posse de Gonçalo Sanches de Louzada, na Bolívia. Naquele tempo, eles tinham rescindido o contrato com a Argentina e todos os postos estavam queimando gás. O sonho deles era fazer o gasoduto Bolívia-Brasil, o que foi feito, e hoje é um dos maiores gasodutos. Então, eu queria saber: quanto o Brasil paga por esse gasoduto, pelo petróleo que vem, por ano?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - É pelo gás.

Esse número, eu não tenho de cabeça, não. Mas ele deve estar...

O SR. PAULO CÉSAR RIBEIRO LIMA - O preço do gás da Bolívia, a PETROBRAS entrega sem imposto, sem nada, a 9 dólares por milhão de BTU.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - O número que eu tenho é da ordem de 10 dólares, mas eu não tenho segurança se é exatamente isso.

O SR. PAULO CÉSAR RIBEIRO LIMA - Mas aí quando entra imposto, entra a distribuidora e a concessionária, isso vai passar de 9 dólares, 10 dólares para 16 dólares, 17 dólares.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não, 16 dólares, 17 dólares não é, não, Paulo. Dezesesseis, 17 dólares é importação do GNL.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - E se o Brasil se tornasse autossuficiente

O SR. PAULO CÉSAR RIBEIRO LIMA - Vai passar de 9, 10, para 16 e 17.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não, 16 e 17 não é não, Paulo. Dezesesseis e 17 é a importação do GNL.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Se o Brasil se tornar autossuficiente em gás, o que vai acontecer?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Se ele se tornar autossuficiente em gás, nós vamos conseguir colocar gás em diversas regiões do País de forma a alavancar o crescimento industrial do Brasil de uma forma



absolutamente maravilhosa. Nós viabilizamos a siderurgia, nós viabilizamos fertilizantes, nós viabilizamos, enfim, a indústria.

(Não identificado) - A cerâmica do Ceará.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Cerâmica do Ceará. Nós viabilizamos muita coisa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Diretora, e o recurso de construção desses gasodutos? Porque eles eram da CCC e da CDE e foram zerados agora para a redução da taxa de energia.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não. Por enquanto eu não estou falando de gasoduto.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Não, a senhora disse que ia levar o gás... Tem que ir para o gasoduto.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não. Espera aí. Eu vou mostrar para o senhor ali. Vamos ver. Não, não, não. Não é nem uma coisa nem outra. Eu vou mostrar ali.

Olha só. Essa chama aqui é de um campo que foi descoberto no passado. Ele nunca produziu; foi devolvido para a ANP por ser considerado antieconômico depois de anos. É o campo de Barra Bonita.

Nesse campo de Barra Bonita, estima-se que há 500 milhões de metros cúbicos na jazida. Ou seja, poderíamos produzir cerca de 70% desse valor. Isso é considerado não econômico.

No entanto, o que esse gás aqui está mostrando para nós é o seguinte: a Bacia do Paraná tem gás. E eu, em mais de 30 anos de petróleo — tenho certeza que os meus dois colegas aqui podem concordar com isso —, nunca vi uma bacia sedimentar de um campo só. Não é isso?

Então, o campo de Barra Bonita é um testemunho do potencial da Bacia do Paraná, que é uma bacia que está embaixo de oito Estados brasileiros.

Quando vamos para a Bacia dos Parecis... Esse é outro caso que eu falei, Deputado, de Estado que jamais pensou em participar do jogo do petróleo e que está participando, que é o Mato Grosso.



Então, na 10ª rodada, em 2008, nós licitamos esses blocos aqui em torno do Rio Teles Pires. A PETROBRAS comprou todos. Nessa rodada do gás, nós estamos pensando em colocar mais áreas no Mato Grosso.

Nesse Rio Teles Pires nós temos 800 metros de rio borbulhando gás, mas borbulhando gás de uma tal forma que você consegue gravar com o gravador o ruído. Aí, alguém disse assim para mim: “Mas, Magda, isso não é gás de petróleo, não; isso é gás de pântano.”

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Parecis fica lá no Paraná também?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não. Parecis fica no Mato Grosso.

Estão vendo as bolhas aqui? Eu gosto de trazer o filminho, mas ele é pesado na apresentação, demora muito, e as pessoas ficam sem paciência. Mas são 800 metros de rio borbulhando gás.

Disseram assim para mim: “Magda, isso é gás de pântano.” E eu mandei analisar. Não é, não; é gás de petróleo, é gás de petróleo. E foi por isso que a PETROBRAS comprou os blocos em volta.

O SR. CARLOS ABREU - A Bacia do São Francisco aumenta muito...

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - A Bacia do São Francisco eu vou mostrar. Calma. Vocês querem adiantar a minha palestra? *(Risos.)*
(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Então, é assim.

O SR. SENADOR INÁCIO ARRUDA - Está querendo acelerar.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - É. Outra é a Bacia do São Francisco.

A Bacia do São Francisco vem aqui assim. Ela faz uma elipse aqui assim. Nós já licitamos esses blocos em Minas Gerais, e falta licitar aqui na Bahia e nesse pedaço aqui também.

Isso de verde clarinho...

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)



A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Ainda não. Eu vou falar de Pernambuco. Em Pernambuco eu fiz a Chapada do Araripe. Foi o único mau resultado que eu tive. *(Risos.)*

Então, esses verdinhos claros eu licitei em 2005 e o verdinho escuro eu licitei em 2008. Tudo foi comprado, os concessionários estão trabalhando. A maioria dos poços que estão perfurados aqui tem gás, e tem colunas grandes de gás. Mas esses poços têm colunas grandes de gás no que chamamos de um reservatório muito fechado, porque essa rocha é muito antiga.

Então, para este ano, temos previstos dois fraturamentos, que é o primeiro passo para sabermos se essas descobertas de gás aqui podem vir a ser comerciais ou não. Vamos ter que fraturar isso. Está certo?

Olha só que coisa maravilhosa. Isso aqui é na cidade de Buritizeiro, que está por aqui. O Prefeito que trouxe um filmezinho para mim e eu peguei essas fotos.

Isso aqui é o seguinte: poços para água, ou um tubo que você crava no chão para produzir água — está aqui a mangueira —, cai a água, você risca um fósforo, a água cai e o fogo sobe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Tem algum poço instalado já?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Tem, tem vários poços perfurados aqui, e a maioria com descoberta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - E produzindo já?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Produzindo, não. Produzindo a gente só vai saber se vai ser comercial a partir deste ano.

De novo aqui: Rio Paracatu, gás borbulhando. As pessoas pegam tubinhos pequenos, cravam no chão, põe pauzinhos lá dentro e pega fogo.

No Município de Santana, na Bahia, que é mais ou menos por aqui, foram furar um poço para água, encontraram um bolsão de gás e a sonda pegou fogo.

Enfim, o que estou mostrando para vocês é que todas essas bacias grandes interiores estão mostrando indícios de gás muito fortes. E eu só chamo de “natural” porque não estou classificando ainda se é convencional ou não convencional. Esse que chega na superfície, certamente, é o convencional.



O Abreu está aqui para não me deixar mentir, já que o Paulo vai deixar.
(Risos.)

Essa aqui, que agora vou mostrar para vocês, é o que chamo de ovo de Colombo, é um real ovo de Colombo. Nós licitamos uma área, em 2007, no Maranhão. Licitamos os blocos, os concessionários foram lá, começaram a trabalhar e fizeram descobertas. De cara, três pequenas descobertas de gás no Maranhão, e continuam fazendo outras pequenas.

Nessa área toda aqui o que está se apresentando é onde vamos encontrar diversas pequenas e médias descobertas. Só que essas pequenas descobertas, Deputado, sobre aquilo que o senhor me perguntou, sobre gasoduto, o concessionário falou o seguinte: *“Olha, eu tenho três pequenas descobertas. Se eu for construir um gasoduto de mais de 100 quilômetros ou de 200 quilômetros para levar esse gás para o mercado consumidor, provavelmente eu não vou conseguir pagar esse gasoduto ou não vou ter o retorno esperado do meu projeto.”* Então, o que ele fez? Ele entrou no leilão de uma térmica, ganhou o leilão da térmica, botou a térmica do lado do campo e começou a produzir o gás, gerando gás para ser consumido na termelétrica.

Isso aqui é a foto da obra como está no Maranhão. Já há turbinas funcionando. Essa foto foi a Governadora Roseana que me deu.

Já temos hoje 4,5 milhões de metros cúbicos por dia sendo produzidos na Bacia do Parnaíba, que até meia dúzia de meses atrás não era uma bacia produtora de petróleo e passou a ser, graças aos estudos de geologia e geofísica da ANP.

Tem módulos da ordem de 200 megawatts, cada módulo desses. O primeiro módulo está funcionando e está gerando energia com alguma coisa que vai chegar em torno de 6 milhões de metros cúbicos por dia de gás.

Isso aqui eu chamo de um ovo de Colombo, porque isso aqui...

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Cada módulo desse está em torno de 180 megawatts.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Vai dar 6 milhões de megawatts, 6 mil megawatts. É muito, é quase o que a...



A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Mas isso aqui está começando. Essa bacia é uma bacia...

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Seis milhões de metros cúbicos por dia.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - E cada 200 megawatts consome 180 metros cúbicos. Não foi isso que a senhora falou?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não. Estou dizendo que cada módulo desse está em torno de 5 a 6 milhões de metros cúbicos por dia.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Cada um. E produz 200 *megawatts*.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Mais ou menos isso.

Então isso aqui, essa bacia... O que eu licitei aqui tem em torno de 30 mil quilômetros quadrados; essa bacia tem 700 mil quilômetros quadrados. Ela pega todo o Maranhão, ela pega todo o Piauí, etc. Foi por causa disso que todos os blocos do Piauí foram objeto de grande concorrência na nossa rodada; foi por isso também que os blocos do Maranhão foram objeto de grande concorrência na nossa rodada, e é por isso que eu acho que nós vamos continuar tendo concorrência quando puser isso de novo na 12ª rodada.

Vamos falar de gasoduto. Nós temos o gasoduto pronto aqui. Esse aqui é o Brasil-Bolívia, é a perna do Brasil-Bolívia que vai lá para o Centro-Oeste. Esse aqui é o sistema interligado, que agora conecta o Sudeste ao Sul e ao Nordeste do Brasil. São essas linhas vermelhas contínuas.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Até aqui.

Essa linha pontilhada são gasodutos possíveis de serem construídos como uma exceção à Lei do Gás, ou seja, são gasodutos que a ANP pode autorizar diretamente sem precisar de usar a Lei do Gás e fazer uma concessão para o gasoduto.

Que exceções são essas? São aqueles projetos que já tinham pedido de licença ambiental ou autorização de projeto. Eles são esse aqui e esses que interligam o Nordeste aqui, e há mais uns pedacinhos aqui e tal.



Bom, o que eu trouxe aqui para V.Exas.? A malha de distribuição dos gasodutos comparada com as bacias produtoras. As grandes bacias produtoras, como eu falei com V.Exas., que nós estamos analisando são esta aqui, esta aqui e esta aqui e esta.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Guamoré não é uma bacia produtora lá no Rio Grande do Norte?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Guamoré? Guamaré. Não, Guamaré e um terminal.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Mas não tem gás lá, Inácio?

O SR. SENADOR INÁCIO ARRUDA - Não. É que o gás ia de Paracuru para lá. Depois teve que inverter. Hoje nem tem gás suficiente em Paracuru, no Ceará, nem tem vindo do Gasoduto Nordeste, que deveria trazer gás para Pecém por Guamaré. Não tem mais esse gás. O gás, às vezes, até sobe de navio. O navio chega e entrega o gás em Paracuru, Pecém e manda de volta para...

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - O Rio Grande do Norte tem uma bacia, a Bacia Potiguar. Ela está por aqui assim, mas ela não tem tanto gás assim.

Mas, então, vejam que essa zona verde claro aqui é a Bacia do Paraná, que eu mostrei aquela chama imensa. Eu tenho um gasoduto cortando ela aqui.

Nós temos um colega geólogo — viu, Abreu, anota essa, porque eu acho que a gente ainda vai ver cumprida a profecia dele —, cujo nome é Zalán. O Zalán está aposentado agora, mas ele me disse assim: "*Magda, nós ainda vamos encontrar gás na Bacia do Paraná, embaixo do gasoduto Brasil-Bolívia*". Eu digo: "*Zalán, nós estamos trabalhando para isso.*"

A Bacia do São Francisco está aqui. V.Exas. podem ver um trecho de gasoduto chegando aqui perto, projetado, outro passando aqui pertinho dela. E a Bacia do Parnaíba está aqui assim. A Bacia do Parecis está por aqui, pertinho dessa perna do GASBOL.

O que eu estou dizendo a V.Exas.? A infraestrutura chegará quando a gente tiver gás. Não existe possibilidade de os serviços chegarem antes da oportunidade de serviço. Esses não são serviços de prateleira. Então, na hora em que a gente tiver gás, certamente a infraestrutura chegará.



O SR. SENADOR INÁCIO ARRUDA - É melhor ir começando.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Além disso, a Presidenta Dilma disse o seguinte: *"Olha, já que a gente tem o exemplo da Bacia do Parnaíba, quando vocês forem mostrar essas bacias, mostrem a malha de linhas de transmissão também, já que a geração de energia elétrica é uma possibilidade"*.

Então, estão aqui essas mesmas bacias produtoras, ou essas que nós estamos buscando que sejam produtoras, e a malha de linhas de transmissão. As existentes são as verdinhas claras e as projetadas são todas as outras.

Então V.Exas. veem que, com todas essas bacias, a gente tem malha de distribuição de linha de transmissão suficiente para viabilizar uma geração de energia elétrica via térmica como âncora do desenvolvimento de qualquer uma dessas bacias.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - O *megawatt* de energia hidráulica produzida, por exemplo, essa lá do Rio Madeira, comparando com de gás, qual é a diferença de custo?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Agora o senhor me pegou. Eu tenho esses números aproximados.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Hein?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Eu tenho esses números aproximados.

O SR. PAULO CÉSAR RIBEIRO LIMA - Eu sei, assim, por ordem de grandeza. No Rio Madeira deve estar na faixa de 75 reais o megawatt/hora.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Entre 75 reais e 80 reais o megawatt.

O SR. PAULO CÉSAR RIBEIRO LIMA - A geração a gás está na faixa de 130 reais, 140 reais o megawatt/hora, dependendo do preço que nós temos, pois há preço diferenciado. Mas, em ordem de grandeza, a geração hidráulica é a mais barata. Não há dúvida com relação a isso. Ninguém compete com essas grandes hidrelétricas, Belo Monte, Madeira. Agora, a gás...

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - E principalmente as que já estão depreciadas, não é?.

O SR. PAULO CÉSAR RIBEIRO LIMA - Essas então... Mas o gás está na faixa de uns 130, 140 reais o megawatt/hora.



A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - A grande questão, Deputado, é que, quanto mais gás a gente tiver, mais competitivas vão ser essas possibilidades de geração de energia elétrica.

Agora, vejam como é que a gente vai abordando o País e interiorizando a exploração na direção de aproveitar o máximo possível os recursos do País. Quer dizer, já estamos indo para o Nordeste, já estamos indo para o Centro-Oeste, já estamos no Sul. Tudo isso aqui é alvo do que nós estamos buscando, uma extensão sedimentar imensa, uma área imensa do País.

O que nós estamos pensando para a rodada de licitação que acontecerá em novembro? E eu estou chamando de gás natural em terra, porque ele pode ser convencional ou não convencional. Eu prefiro que seja convencional. Nós estamos pensando nessas áreas todas que nós estudamos por aqui. E eu trouxe as fotos para mostrar que todas elas têm indícios de gás inequívocos.

Vou falar para V.Exas. agora um pouquinho sobre o não convencional.

Um belo dia, o Márcio Zimmermann, que é Secretário-Executivo do Ministério de Minas e Energias, me pegou no corredor e disse: "*Magda, nós precisamos ter um número para o não convencional*". E o que eu disse para ele foi o seguinte: "*Márcio, nós temos 27 mil poços perfurados, eu tenho bacias aqui, como a Bacia dos Parecis, com 400 mil quilômetros quadrados, onde eu só tenho dois poços perfurados. Eu não sei nem o convencional ainda, que dirá o não convencional!*" Ele disse: "*Mas, Magda, nós precisamos ter um número, um número com a precisão possível.*" Ou seja, uma precisão frágil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - O que a senhora chamada de convencional e de não convencional?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - O convencional é o que a gente está acostumada a fazer. O não convencional é o gás de xisto, como o senhor chama.

Então que eu fiz? Eu falei "*Então está bom, Márcio, eu vou gerar um número para você, mas você não vai usar esse número de jeito nenhum. Está certo?*"

Então nós fizemos um exercício. Não é nada mais do que um exercício. Isso aqui é um exercício como outro qualquer. Nós pegamos um análogo. Há o Barnett



Shale, nos Estados Unidos, que não é nem o que mais produz, nem o que menos produz. Ele produz de moderado para um pouquinho menos.

Nesse Barnett Shale, você teria 30 TCF — trilhão de pé cúbico — em 1.196 quilômetros cúbicos de rocha. Então nós fizemos o seguinte: agora que eu já quanto o Barnett Shale produz por volume de rocha, eu buscaria onde estaria o meu gerador capaz de reproduzir isso — onde estaria porque ainda há bacias de novas fronteiras, onde eu tenho até dificuldade de mapear esse gerador. Mas mapeei, estimei onde estaria o gerador com os dados obviamente que nós temos, que são poucos, e dissemos o seguinte: se o gerador estiver todo aí mesmo e se ele se comporta igual ao Barnett Shale, eu posso ter na Bacia do Parnaíba 64 TCF, na do Parecis 24 TCF, na do Recôncavo 20 TCF e na do São Francisco 80 TCF.

Bom, além disso, eu tenho a Bacia do Paraná, a maior bacia nossa. Nessa bacia, eu não sei onde está o gerador, porque eu tenho uma capa de basalto imensa que não me deixa ver embaixo. Mas, os americanos da Energy Information Administration, que era do departamento de energia americano, em 2011, baseado em dados do Paraguai — eu assumo que é do Paraguai, no Chaco-Paraná, que é extensão da Bacia do Paraná na América do Sul, para fora do Brasil — estimaram que o Brasil podia ter 226 TCF de gás não convencional na Bacia do Paraná.

Eu não posso endossar esse número porque eu não sei como eles calcularam. Eu sei como foi o meu exercício. O meu exercício eu já expliquei para V.Exas. O deles eu não sei.

Mas o que a gente fez? Somou esses números todos. Dá um número imenso, perto de 500 TCF. Quando a gente chega perto de 500 TCF, eu digo assim: eu acredito nesse número? Não, eu não acredito, mas esse número me permite uma única conclusão, que é a de que eu não posso deixar o gás em terra do Brasil para trás. O Brasil tem que buscar esse gás e tem que querer que ele dê certo, porque os números são grandes demais como possibilidade para que você não vá atrás deles. Você pode até ir atrás e ver que não é nada disso, mas o cenário que nós temos hoje nos obriga, nos empurra a buscar esse gás. E, aí, eu não estou nem falando do convencional, que pode ser grande também. Eu estou dizendo que, só com esses números, eu já posso concluir isso que estou dizendo a V.Exas.



Em função disso é que a gente está indo atrás dessa 12ª rodada de licitações, para buscar gás convencional. Eu não estou falando de gás do xisto. E, nessa rodada, nós vamos aproveitar para exigir que os concessionários perfurem mais profundamente em alguns poços e façam análises do gerador, análises que nós não temos, para a gente ver se, no futuro, a gente pode ir na direção desses projetos de gás não convencional.

Neste momento, qualquer coisa que acene com o gás não convencional como uma realidade não é possível. Neste momento, o que estou dizendo é o seguinte: vamos chegar com um contrato que vai obrigar o concessionário a coletar dados que eu preciso para essa conclusão. E, nesse contrato, eu vou dizer: *“se você coletar um dado e quiser coletar outro, e essa sequência de dados for ficando atrativa, você vai ter uma série de obrigações comigo, obrigações de proteção.”*

V.Exa. mencionou no começo da sua fala que um especialista tinha muita preocupação com o gás não convencional. Eu diria que ele tem razão para ter essa preocupação, mas certamente ele não está acompanhando a indústria amiúde, do jeito que ela está acontecendo.

Como eu falei para V.Exa., eu estive nos EUA vendo isso em 2006. Nós já estamos em 2013. Americano aprende muito rápido. Ele aprende muito rápido e reconhece os erros muito rápido. Hoje em dia, você já tem uma série de correções de procedimento fruto do aprendizado desses anos. Então, por exemplo, a gente já sabe que aquífero tem que ser revestido. O poço no aquífero tem que ser revestido; não pode ser poço aberto. Mas isso, no Brasil, a gente já faz há um tempão, há muitos anos.

Além disso, ele já aprendeu também que tem que reciclar a lama do fraturamento. Ou seja, esse poço vai ser perfurado, esse reservatório é fechado e, para abrir, eu preciso quebrar, fraturar esse reservatório. Para fraturar, eu uso um fluido de fraturamento. Como eu vou ter que fazer muitos poços e fraturar muito, eu tenho muito fluido de fraturamento. Se eu jogar isso no meio ambiente, eu vou contaminar. Mas no Brasil, eu já não jogo há muito tempo. Os Estados Unidos já aprenderam que eles têm que reciclar isso. Então, esse fluido de fraturamento é reciclado. Já é reciclado no Brasil também. Eu já fraturei no Recôncavo, há décadas.



O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Esse revestimento é com tubo ou é com atapulgita ou bentonita?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não, é tubo de aço. É tubo de aço.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Mas há também um revestimento no mar com atapulgita, por exemplo.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não, isso é outra coisa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Mas existe. Não existe?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Revestimento de atapulgita? Não, acho que não.

O SR. CARLOS ABREU - Eu acho que isso vem na lama de perfuração.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - É, na lama.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Na lama de perfuração. É isso.

O SR. CARLOS ABREU - Bentonita...

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Bentonita na água doce.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Mas não é revestimento não.

O SR. CARLOS ABREU - Vem na lama com o fluido de perfuração.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Depois, coloca o cano.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - É isso. Depois, coloca o cano.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - O que acontece? O que o senhor está falando sobre revestimento de atapulgita é outra coisa. Quando a gente perfura, essa lama é um fluido, à água ou à base óleo, com detritos — atapulgita é um detrito. Quando você pega um horizonte...

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - É uma argila.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD -... permeável, esse fluido entra no horizonte e deixa um reboco desse detrito. Então, a atapulgita fica presa ali, porque ela não consegue entrar. Então, você faz um reboco com essa...



Mas não é isso que protege o reservatório; o que protege o reservatório é tubo de aço.

O SR. CARLOS ABREU - E a cimentação.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - O que nós estamos fazendo? Nós estamos em contato com o governo americano. Fomos, no ano passado, visitar diversos campos americanos produtores de gás de xisto.

Eu estou falando em gás de xisto para afinar o discurso, mas, na verdade, eu gostaria que passassem a chamar de gás de folhelho. Está certo?

Então, nós fomos lá visitar esses campos — eu digo “nós” representantes da Agência Nacional do Petróleo e do Ministério de Minas e Energia. Neste ano vamos, de novo, marcar outra visita. Nós vamos lá; eles vêm aqui. Nós temos uma troca de conhecimento constante com o governo americano para aprender com a nossa experiência, com os nossos erros, com os nossos acertos, com os erros deles, com os acertos deles.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - O problema do gás de xisto dos Estados Unidos é que ele não é igual ao nosso. O nosso é sempre em cima de uma bacia, aquífero, Serra Geral ou mesmo do Aquífero Guarani, que é o segundo da América Latina. Eu perguntei ao especialista, Dr. Scheibe, o que ele fazia com esse resíduo. Ele disse que infiltrava na rocha.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Mas como é que infiltra se está embaixo?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - E eu digo: com o risco de ele ir novamente para o aquífero, contaminando a água doce.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não, não é assim não. Os Estados Unidos têm um grande planalto central com diversos campos de petróleo e gás. Nesse planalto central, existem os aquíferos que abastecem a maior parte dos Estados Unidos. É ali que eles produzem. Os aquíferos estão ali juntinhos.

O SR. CARLOS ABREU - Sobre o Aquífero Guarani, está muito acima do objetivo desse folhelho...

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - O Aquífero Guarani é bem raso. O que nós estamos procurando é bem mais profundo. Então, a única



coisa que nós vamos precisar é revestir isso. Mesmo que a gente fracture e erre, não vai chegar ao Aquífero Guarani.

O SR. CARLOS ABREU - Magda, você fala no revestimento do poço do produtor do gás. Agora existe...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Dra. Magda Chambriard.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - O colega do MME está lembrando aqui os diálogos de energia Brasil-Estados Unidos. É isso que eu falei para o senhor. Nós vamos lá, eles vêm aqui. Nós estamos aprendendo com eles, eles estão aprendendo com a gente. Vamos dizer assim, a troca tem sido importante. Mas o que é mais precioso para nós é pontuar todos os erros deles, para termos precaução contra todos eles.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Precaução é a palavra básica.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Está certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - A palavra básica é precaução.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Comentários finais.

Eu vou fugir em 10 minutos, porque ainda vou pegar um avião. Está bem?

A primeira coisa é que a gente voltou a licitar. E, ao voltar a licitar, nós estamos injetando um imenso ânimo na indústria do petróleo, vamos dizer assim, ericando a indústria de fornecimento de bens e serviços. Nós estamos colocando oportunidades de grandes negócios no mercado. Isso é uma enorme possibilidade de desenvolvimento para o Brasil. É uma escala de oportunidades tão grandes, que a gente tem total consciência de sua grandeza, e podemos dizer o seguinte: "isso não pode ser tratado comumente; tem que ser âncora para o desenvolvimento e a aceleração do desenvolvimento industrial do País".

A gente precisa fazer isso associado a uma política de conteúdo local, porque isso é a real proteção da sociedade brasileira. Isto aqui é um nicho de mercado para a indústria brasileira. Quando a gente diz que isso é conteúdo local, o que estamos dizendo é que boa parte disso vai ter que ser adquirido no Brasil. É um nicho de mercado para a indústria brasileira, é um nicho de mercado para aqueles supridores de bens e serviços internacionais que queiram vir se estabelecer aqui no Brasil.



O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Mas tem um limite. Até 20% de diferença, compra-se no Brasil. Não é isso? Há uma lei...

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não. O contrato diz para a gente o seguinte: o fornecedor brasileiro tem que ser competitivo em preço, prazo e qualidade. Caso ele não tenha preço, prazo e qualidade, a Agência Nacional do Petróleo pode perdoar aquele item, mas não pode perdoar o valor global, porque ele é objeto de lide oferta na licitação. Então, se o fornecedor não cumpre um item, tem que compensar com outro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Só mais uma pergunta. Diariamente, nos meios de comunicação, sobretudo na televisão, aparece a PETROBRAS fazendo propaganda do pré-sal, dizendo que está produzindo 300 mil barris/dia...

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Está produzindo o que eu mostrei para V.Exa. aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - ... e tem um valor de 236 bilhões de dólares. As maiores reservas do pré-sal estão no limite das 200 milhas, e muitas dessas reservas ultrapassam as 200 milhas. Eu queria saber se existe alguma convenção internacional, para que um país não perfure um poço além das 200 milhas, já que ultrapassou o limite das 200 milhas brasileiras.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - A gente tem a definição de plataforma continental, no caso da Bacia de Santos e daquele platô, indo até 350 milhas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Trezentos e cinquenta?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Trezentos e cinquenta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Ótimo.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Mas já foi reconhecido pela ONU?

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Não, está bem adiantado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Para mim é novidade.

A SRA. MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Há duas pendências: uma relativa a um trecho pequeno do litoral do Espírito Santo, e outra a um trecho



pequeno na bacia da Foz do Amazonas. Esta é a parte que eu sei. O resto, eu acho, está tudo mais ou menos acordado.

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - Mas se alguém quiser vir, o Brasil não tem direito, porque ainda não foi reconhecido internacionalmente.

A SRA MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Acho que não. Bom, seja lá como for, nós estamos trabalhando com o polígono do pré-sal e o que está dentro das 200 milhas. Está certo?

Além disso, essas rodadas de licitação estão trazendo para a gente essa coisa que eu digo de interiorização da exploração do Brasil e descentralização do investimento exploratório na direção principalmente do Norte e Nordeste, mas nós vamos ter, também, uma na direção Centro-Oeste e uma na direção Sul. Em menor escala, mas vamos ter. Então, o que nós estamos fazendo é espalhando a exploração e produção de petróleo e gás pelo Brasil inteiro, literalmente. Está certo?

Era isso que eu tinha a dizer para vocês. E agora eu vou perguntar para ele o que ele estava mostrando ali, porque mulher é curiosa. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Queria agradecer-lhe a belíssima intervenção.

A SRA MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Eu tenho que fugir às 4h30min por conta do meu avião, mas, qualquer coisa que vocês queiram a mais, eu estou completamente aberta. Eu tenho certeza de que o Abreu e o Paulo aqui podem responder bastante coisa para vocês. *(Palmas.)* A Janaína e o Paulo podem listar as perguntas. Eu vou ter prazer de explicar para vocês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Queria agradecer pela belíssima exposição a V.Sa., cheia de conhecimento e com uma vontade muito grande de que o Brasil se torne o mais rapidamente possível autossuficiente em petróleo e gás, e, também, explorando todo o território nacional, para que não seja privilégio de umas determinadas regiões em detrimento de outras.

Eu quero parabenizá-la e dizer que seu compromisso de 16h30min está assegurado. Eu acho que foi boa essa reunião. O Deputado Leonardo Gadelha chegou agora, perdeu. No bloco Pernambuco-Paraíba, existem 6.900 quilômetros onde vão ser explorados petróleo e gás.



Eu queria dizer que, durante a exposição da Dra. Magda Chambriard, já foram feitas todas as perguntas, e, portanto, ela está liberada.

A SRA MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Eu queria fazer uma perguntinha para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Pois não.

A SRA MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - V.Exa. acha que os Deputados agora vão gostar mais de mim? (*Risos.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Eu acho que a senhora vai sair daqui como a nossa musa, a musa do petróleo e do gás. (*Risos.*)

O SR. DEPUTADO JÚLIO CESAR - E a senhora vai deixar de ser Diretora da Agência para ser Presidenta.

A SRA MAGDA MARIA DE REGINA CHAMBRIARD - Meu Deus! Não, isso não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Nossa musa do pré-sal e do petróleo.